

Um debate (im)possível?

Alfredo Veiga-Neto *

Palavras-chave:

Modernidade — Pós-modernidade — Iluminismo

O cenário, os atores

Este texto foi escrito com o objetivo de encenar um suposto "debate" entre duas perspectivas epistemológicas distintas e que se costuma denominar moderna e pós-moderna. Nesse sentido, o que aqui se propõe funcionar como um exercício acadêmico. O debate deverá ser travado entre partidários de dois grupos: os modernos e os pós-modernos.

Aqui, em defesa da pós-modernidade, eu me posiciono como um pós-moderno. Talvez fosse mais adequado dizer: o que realmente me interessa, neste caso, é dar as costas ao pensamento moderno, isso é, tentar ver e entender o mundo sem recorrer às categorias e referenciais montados pelo Iluminismo. E, no caso, defender essa posição. A rigor, importa pouco se pensamos que, *de fato*, terminou a Modernidade pois, como sabemos, isso implicaria pensar o mundo como uma totalidade e isso mesmo já é parte do problema.

Em algumas passagens, vários conceitos são discutidos discutidos; isso talvez fosse desnecessário. Mas minha preocupação foi tornar o texto mais claro para os eventuais leitores que não estão acostumados às discussões neste campo.

O roteiro

Em princípio, o roteiro do debate é bastante aberto. Espera-se que, através de argumentos, cada grupo defenda a perspectiva ou paradigma ao qual se filiou. Como em

qualquer discussão deste tipo, espera-se, também, que cada grupo aponte inconsistências na argumentação adversária e os pontos fracos da outra perspectiva.

Assim, espera-se que se desenvolva uma discussão racional que sirva para tornar mais claras as "características" de cada perspectiva. É claro que, como em outras situações desse tipo, está subentendido que cada um antevê a possibilidade de atrair novos adeptos para o seu próprio grupo.

Em suma, o objeto central do roteiro pode ser condensado na pergunta: *ser moderno ou ser pós-moderno?*. Ou, talvez: *qual das duas perspectivas é a melhor (por ser mais "correta")?*.

Da (im)possibilidade do debate

A seguir, argumentarei no sentido de que:

1. Em termos estritos, esse é um debate impossível;
2. Em termos latos, esse é um debate possível, desde que...;
3. Aceita a proposição 2, esse debate poderá ser produtivo, desde que...;
4. Satisfeito o item 3, o debate torna-se desejável.

É necessário estabelecer, antes, algumas bases conceituais. Assim, *debate* está sendo entendido na acepção de "discussão em que se alegam razões pró ou contra...", isso é, no primeiro sentido dado por Mestre Aurélio. Entende-se por *em termos estritos* uma conduta discursiva de cunho filosófico, ou seja, baseada na explanação, exemplificação e argumentação inteligíveis porque racionais e acessíveis às partes envolvidas. Por outro lado, *em termos latos* significa a apelação para outros referenciais que não exigem, como necessário, um *a priori* de compartilhamento para todos os referentes e todas as idéias; nesse caso, poderão entrar em jogo elementos de ordem social, psíquica, estética, mítica, etc. *Possível* está sendo usado no sentido não filosófico, mas sim como algo que pode ser, acontecer ou praticar-se (Mestre Aurélio). *Produtivo* está sendo entendido como algo que causa efeito, que cria, que gera, que faz aparecer, que põe em prática, que tem conseqüências (de novo, Mestre Aurélio...). Mais do que qualquer outra expressão aqui discutida, a desejabilidade aponta para elementos ligados ao social, político, pedagógico, estético, etc., isso é, não se partirá de uma justificação ética (portanto, filosófica) para argumentar que se deve levar adiante o debate.

Um debate impossível

Em termos estritos, a pergunta que é o objeto central do debate —*qual das duas perspectivas é a melhor?*— é indecidível, não porque não se tenham elementos suficientes para analisá-la, mas porque ela se refere a mundos diferentes, regidos por epistemologias diferentes e, portanto, incomensuráveis. Ao recorrermos à incomensurabilidade estamos dizendo que não é possível articularmos qualquer discurso compreensivo (no sentido de abrangente), isso é, qualquer discurso que esteja um nível acima dos dois paradigmas em questão - o grande paradigma da modernidade e o seu *outro* que, por razões práticas, denominamos paradigma da pós-modernidade. Ora, se não há um discurso que compreenda, em si, os dois paradigmas, como seria possível "alegar razões pró ou contra" os dois paradigmas? Em outras palavras, não há um tribunal epistemológico que sirva igualmente para falarmos de um ou de outro e, mais importante, para decidirmos qual é melhor.

Nem o pós-moderno é um estado mais avançado do moderno - situação em que se poderia pensar numa subsunção desse por aquele, e aí seria melhor falarmos de neo-modernismo -, nem o pós-moderno vê o mundo com os olhos do moderno (e vice-versa). Esse segundo ponto se relaciona tanto ao uso de linguagens diferentes, quanto a diferentes escolhas daquilo que tem mais ou menos interesse, daquilo que importa mais ou menos para os habitantes de um ou do outro mundo. De nada adianta dizermos: "mas, concretamente, eles habitam o mesmo mundo, isso é, um mundo que tem a mesma configuração física, geográfica, social, econômica, cultural, etc. Mesmo que pertençam a frações culturais, sociais, econômicas, etc. distintas e nunca se encontrem diretamente, o mundo como um todo é o mesmo!". De nada adianta dizermos isso porque esse tipo de afirmativa introduz dois problemas. O primeiro ou se refere à simplificação funcionalista de pensarmos a realidade social como um todo, com articulações e continuidades, ou se refere à simplificação de um mundo dual, dividido entre exploradores e explorados, ou dominantes e dominados, ou legítimos e ilegítimos, etc. O segundo problema consiste em pensar o mundo como uma realidade dada (preexistente) à qual temos acesso pela razão; realidade essa que poderíamos descrever/representar e sobre a qual poderíamos argumentar de fora. Esses dois problemas advêm tanto de um entendimento da linguagem - a saber, a linguagem como veículo de representação - que a virada lingüística colocou sob suspeita, quanto de um realismo epistemológico também de difícil sustentação. Continuar afirmando isso, a essas alturas, revela uma crença (de natureza metafísica) na totalidade unitária do

mundo e sua história. Ora, não só boa parcela do pensamento moderno já abandonou essa crença —os melhores exemplos nos são dados por parte da Nova História e pela própria Teoria Crítica (especialmente em Benjamin)— como o próprio panorama mundial nos mostra que não há mais lugar para esse construto iluminista, eurocêntrico e dominador.

São os nossos discursos sobre o mundo que constituem o mundo (pelo menos, aquele que interessa). Ou seja, a questão não é perguntar se fora de nós existe mesmo um mundo real, uma realidade (seja ela metafísica ou não); a questão é perguntarmos sobre o mundo que faz sentido para nós ou, melhor dizendo, sobre o sentido que colocamos no mundo. E essa colocação se faz pela linguagem.

É preciso nesse ponto lembrar Lyotard (1988), para quem "simplificando ao extremo, considera-se pós-moderna a incredulidade em relação aos meta-relatos" (p.xvi). Esses meta-relatos - a dialética do espírito, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito pela razão e pelo trabalho, o desenvolvimento da riqueza, a totalidade, um motor para a história, etc. - estão na base, às vezes pouco visíveis, do pensamento moderno. Em que pese as muitas tendências em que se desdobra o pensamento pós-moderno, uma das características desse novo estado da cultura é pensar o mundo sem recorrer a esses meta-relatos ou metanarrativas. Assim, o pós-moderno não busca refutar o moderno; quer apenas trabalhar sem recorrer à transcendência da razão e do sujeito, à dialética e assim por diante. Esse *apenas* é tudo, pois o que o pós-moderno subtrai do pensamento moderno são seus próprios fundamentos; isso tem efeitos devastadores na medida em que mudam as metodologias de análise, mudam as possibilidades de intervenção no mundo, mudam as promessas, mudam os problemas, etc. Para os pós-modernos, cabe ao pensamento moderno o ônus da prova da existência das metanarrativas.

Tudo isso aponta para a distância que separa o moderno do pós-moderno. O sujeito de que um fala não é o mesmo de que fala o outro; o mesmo se pode dizer para a razão, para a liberdade, para a história. Os mundos, enfim, são diferentes. Então, esses mundos não se comunicam? A rigor, a resposta é: *esses mundos não se comunicam*. O máximo que podemos fazer é "saltar" de um para o outro, isso é, ora viver num, ora no outro, mas nunca nos dois ao mesmo tempo. Esses saltos são questão de familiaridade em cada um dos mundos e de escolha individual. É claro que essa escolha está sempre sujeita a determinações não triviais de ordem psicológica, social, cultural, estética, econômica, etc. E, quando nos mantemos aferrados a um dos mundos e pensamos estar compreendendo o outro, o máximo que estamos fazendo é tangenciando as idéias, os conceitos, os

significados, os sentidos que circulam no outro mundo; cada um deles não é acessível de fora.

Então, se é possível desancorar de um dos mundos, é possível o debate. A resposta é *não* e é *sim*; e aí não há contradição, pois na verdade o que temos são duas respostas para dois níveis diferentes de pergunta. É *não* em termos epistemológicos: não há diálogo racional entre o moderno e o pós-moderno. Lembremos que isso nada tem a ver com a "acusação" de irracionalidade que às vezes recai sobre esses últimos.

Mas a resposta é *sim* em termos latos, isso é, se deixarmos de lado as tentativas de *demonstrar* que existe (ou que não existe) a razão transcendental, o sujeito racional, etc., etc. e partirmos para outras estratégias. Com isso chegamos à próxima seção.

Um debate possível, produtivo e desejável (desde que...)

Como vimos, o máximo que eu posso fazer, enquanto "defensor" de um mundo, é tentar atrair os habitantes do outro mundo para o meu. Também vimos que essa atração não pode ser feita a partir de uma argumentação racional, pois meus argumentos só fazem sentido dentro do meu mundo e portanto de nada adianta tentar cotejar meus argumentos com os argumentos que o outro traz do mundo dele. Esses mundos não são comensuráveis. Em suma, o debate é possível *desde que* não se estruture, por exemplo, em torno de um elenco de categorias modernas (razão, sujeito, liberdade, consciência, etc.) a favor e contra as quais os grupos debateriam. A própria localização de um debate em torno dessas categorias leva àquilo que Wittgenstein, num contexto distinto, denominou "incômodo mental". Deixar-me conduzir para um debate desse tipo é contraditório com minha própria condição...

Assim, na condução do debate restam-me duas alternativas: ou eu entro no mundo do outro para demoli-lo ou eu prometo vantagens no meu mundo. Em qualquer dos casos, abre-se o espaço para o debate, agora possível, porém num outro registro. Assim posto, esse debate não só é possível como, ainda, poderá ser produtivo e, nesse caso, será desejável.

Vejamus a primeira alternativa: demolir o mundo alheio. Isso pode ser tentado de várias maneiras (algumas mais violentas, outras menos...). Uma delas consiste em salientar as anomalias (as exceções, os casos não resolvidos, etc.) do mundo do outro, pois, dada a incompletude do conhecimento, nenhum paradigma escapa das anomalias... Mas

isso tem dois entraves. O primeiro entrave consiste em que cada paradigma vai se ajustando de tal forma que tende a esconder ou absorver as suas próprias anomalias, de modo que adianta muito pouco apontá-las para demover seus adeptos. O segundo entrave é de ordem ética e atinge e amarra em cheio os pós-modernos: se, justamente, esse novo estado da cultura se caracteriza pelo elogio da diferença, pela pluralidade da razão, como vou justificar uma tentativa de demolir os outros mundos só porque diferem do meu?

A segunda alternativa —mostrar as vantagens do meu mundo— implica um trabalho de convencimento que, como vimos, não pode se basear numa racionalidade estrita, mas sim em estratégias de propaganda que tentam mostrar a produtividade das minhas "formas" de pensamento, a beleza das relações que estabeleço, a elegância de meus argumentos, a possibilidade ou plausibilidade de meu mundo, etc. Note-se que estou usando aqui expressões um tanto vagas, exatamente porque não há como apelar para conceitos mais, digamos..., racionais ou operacionais. Lembremos que ainda viveríamos no mundo geocêntrico de Ptolomeu se Galileu não tivesse sido um hábil propagandista da obra de Copérnico.

Um exemplo dessa segunda alternativa está no convite que posso fazer para que outros venham olhar de perto como se pensa no meu mundo. Mas ao invés de esperá-lo com um discurso todo amarrado - ao gosto daqueles que Rorty (1988) denomina filósofos sistematas - a técnica deve ser outra: lançar mão de simulacros, sátiras, paródias, exemplos, narrativas, aforismos, tal qual fazem (para usar de novo uma expressão de Rorty) os filósofos edificantes. Nada disso precisa de muitos argumentos e demonstrações; está na literatura, está nas artes plásticas, no cinema, no teatro, na música, na mídia, nos mitos, em toda a parte. Mesmo que se queira argumentar, não apelar para os sistemas e dar as costas à dialética; ao invés, inspirar-se, por exemplo, em Foucault e seu uso de *Las Meninas*, que desenvolveu um argumento muito racional, mas por via da estética. Ou inspirar-se em Deleuze e suas imagens para tematizar sobre a diferença e a repetição (Deleuze, 1988). Desprender-se mais das abordagens que tratam o método como caminho seguro (e que portanto o engessam) e se voltar mais para as abordagens que tratam o método de maneira mais solta, algo mais próximo àquilo que o pensamento escolástico entendia como método.

Penso que temos um exemplo muito concreto desse convite no próprio desenvolvimento da disciplina de que esse debate é o ponto final. Para explicar o que quero dizer com isso, valho-me - talvez de um modo um tanto simplificado e caricatural - de exemplos contrastantes e faço duas perguntas prévias. Como se dá, num enquadramento

positivista, a aprendizagem da pesquisa? Direta ou indiretamente, em geral se aprende pelos preceitos que estão nos catecismos de metodologia da pesquisa, cuja matriz pode ser encontrada em Descartes, nos empiristas lógicos, em Popper, em Bunge. E, num enquadramento marxista, como se dá, essa aprendizagem? Também direta ou indiretamente, em geral se aprende conhecendo (bem ou mal...) o método dialético e/ou partindo de grandes princípios autofundados que estão nos catecismos do paradigma (a exploração do trabalho pelo capital, a história movida pela economia, a conscientização como caminho para a desideologização, etc.). Quantos exemplos desses dois enquadramentos podemos encontrar na literatura pedagógica brasileira... É claro que, muitas vezes, o pesquisador nem vai e nem nunca foi a esses catecismos; mas os cânones, em geral bastante restritivos, estão sempre atuando no fundo das perguntas que são feitas, no tipo de tratamento dos dados, na articulação dos argumentos e assim por diante, pois aí é forte o enquadramento paradigmático.

Vejam os como nós, enquanto pesquisadores, nos relacionamos com estas duas perspectivas. Se praticamente todos nós construímos nossa experiência segundo algum paradigma dentro da perspectiva moderna, cada vez parece ser mais comuns aqueles que tentam "entender as coisas" na outra perspectiva. Isso implica que muitos de nós temos a preocupação de não só aprender as relações possíveis entre o pensamento pós-estruturalista e a educação como, ainda, aprender como se faz pesquisa fora dos enquadramentos iluministas. Em outras palavras, aprender - ainda que preliminarmente - como delinear um projeto de pesquisa que não se enquadre no pensamento moderno. Em suma: como pesquisar num cenário de anarquia metodológica? E, mesmo que escolhamos uma perspectiva pós-moderna particular - como a foucaultiana, e esse é o meu caso... -, como fazer, se não temos catecismos a seguir? Como fazer, se a própria noção de método, para o filósofo, nada tem a ver com aquilo que os modernos dizem sobre o método? Ora, a única maneira possível de aprender é examinar como outros fizeram e estão fazendo isso. E, neste caso, que outra coisa estamos nós fazendo senão aceitar os convites para entrarmos no outro mundo?

Quanto à produtividade do debate *moderno x pós-moderno*, tenho um receio, uma esperança e uma certeza.

O *receio* é de que meus convidados - suspeitando, como bons modernos, das únicas estratégias que tornam o diálogo possível - queiram necessariamente recorrer a um debate lógico para resolver, uma vez por todas a disputa. A grande ironia disso tudo é que quanto

mais fiéis ao Iluminismo forem os bons modernos e quanto mais se considerarem críticos e revolucionários, mais eles se apegarão à violência da metafísica e mais eles reclamarão por provas, por demonstrações e por racionalidade no seu sentido mais conservador...

A *esperança* é de conseguir trazer mais simpatizantes para o meu mundo, porque eu o considero melhor. Na urgência que temos - cada um ao seu modo - de ver resolvidos ou minorados os imensos problemas atuais (de ordem econômica, ética, ambiental, social, etc.), eu penso que as "soluções" modernas ou não dão mais conta desses problemas (tanto em termos de entendê-los quanto em termos de resolvê-los) ou, pior, acabou gerando ainda mais outros para nós todos. À eventual acusação de que ao dizer isso eu entro numa contradição - declarar meu mundo melhor é supor um tribunal epistemológico acima dos dois mundos - eu posso responder (um tanto cínicamente...) que tentar superar as contradições (operação bem ao gosto de uma racionalidade dura) não está na minha agenda de prioridades. E, num sentido definitivo e não cínico, eu posso responder: para declarar que o meu mundo é melhor eu não coloco meus pés na epistemologia, mas na estética, na ética, na constatação prática do autoritarismo iluminista, suas violências e seus fracassos. E se me disserem que não há como escapar de uma teoria do conhecimento, ou seja, que colocar os pés nessas "coisas" é uma opção epistemológica, eu posso responder: tudo bem, então chamemos a isso de *epistemologia social* (Popkewitz, 1994), para não a confundir com uma teorização transcendental e estável do conhecimento.

Por fim, tenho a *certeza* de que, mesmo que eu não consiga trazer ninguém para o meu mundo, terei feito um estimulante exercício por caminhos bem menos áridos do que os da argumentação puramente lógica, ou dialética, ou positivista, etc. Essa estratégia "não quer colocar o seu tema no caminho seguro de uma Ciência", mas "quer manter o espaço aberto..." (Rorty, 1988, 286). Em termos cognoscitivos, esse exercício poderá sempre afiar mais minha compreensão sobre o mundo, não qual um expectador externo senão como um expectador-expectado que, de dentro, dá sentidos ao mundo. Pelo menos em termos estéticos —se é que são tão claras tais separações— esse será um exercício de fruição. Isso poderá soar, para os bons modernos, como um escapismo pequeno-burguês, alienado e irresponsável; afinal, quase todos eles - sejam positivistas, maçons, marxistas, rosacruzistas modernos, etc., etc. -, se preocupam somente com aquilo que consideram sério no mundo. E, claro, querem que todos façam o mesmo. O mito da salvação está mais vivo do que nunca...

E se, enfim, não sobrar mais nada, ficou o prazer de ter me exercitado nesse breve texto...

É preciso dizer que tudo isso é desejável?

Referências bibliográficas

AZANHA, J. M. *Uma idéia de pesquisa educacional*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1992

BEST, S. & KELLNER, D. *Postmodern Theory: critical interrogations*. New York: Guilford Press, 1991.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LYOTARD, J.-F. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

POPKEWITZ, T. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T. T. *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.173-210.

RORTY, R. *A filosofia e o espelho da Natureza*. Lisboa: D. Quixote, 1988.

SARUP, M. *An Introductory Guide to Post-Structuralism and Postmodernism*. Athens: The University of Georgia Press, 1993.

URDANIBIA, I. Lo narrativo en la Posmodernidad. In: VATTIMO, G. et al. *En torno a la posmodernidad*. Barcelona: Anthropos, 1994. p.41-75.

VATTIMO, G. Posmodernidad: una sociedad transparente?. In: _____. *En torno a la posmodernidad*. Barcelona: Anthropos, 1994. p.9-19.

VAZ, P. *Um pensamento infame: História e Liberdade em Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

* Alfredo Veiga-Neto é Doutor em Educação. Professor Titular do Departamento de Ensino e Currículo (Faculdade de Educação/UFRGS) e Professor Convidado do PPG-Educação/UFRGS.

alfredoveiganeto@uol.com.br